

LICÍNIO AZEVEDO: A FANTÁSTICA REALIDADE AFRICANA

O cineasta e escritor Licínio Azevedo nasceu no Brasil, mas vive e trabalha em Moçambique há mais de vinte anos. O texto a seguir é uma versão editada de uma entrevista concedida a Ruben Caixeta, via Internet.

Anos de formação: do Brasil à África, via jornalismo

Nasci no Rio Grande do Sul e estudei jornalismo no Brasil (PUC/RS) numa época romântica, de contestação à ditadura militar, imprensa alternativa etc... Mais do que na faculdade de Comunicação, aprendi a escrever da maneira como eu queria: lendo e estudando caras que eu considerava os pais do jornalismo moderno. John Reed, por exemplo, autor dos magníficos livros de reportagem *Os 10 Dias que Abalaram o Mundo* e *México Rebelde*; Stephan Crane, autor de *O Emblema Rubro da Coragem* (novela sobre a Guerra de Secessão nos EUA) e correspondente em outras guerras que não essa. Também Hemingway, Talese, García Marquez – na sua fase de jornalista nos anos 50, na Colômbia e na Venezuela – e muitos outros.

Literatura e cinema, para mim, estão completamente ligados. Considero impossível fazer um documentário sem conhecer regras de dramaturgia, sem procurar contar uma história. Cinema, seja documentário ou ficção, é contar uma história, é fazer literatura com imagem e som. Os grandes – Eisenstein, Welles, Kurosawa, Ray, Kazan, Buñuel, os neo-realistas, a Nouvelle Vague – fazem literatura visual, arte, criam humanidade. Evidente que essa é uma forma simplista de dizer as coisas, mas não está longe da realidade.

O porto moçambicano

Vivo em Moçambique (Maputo) desde 1978. Mas antes estive cerca de um ano na Guiné-Bissau, ensinando jornalismo e trabalhando no jornal local. Na minha permanência lá, escrevi o livro *Diário da Libertação*, com histórias da guerra anti-colonial na Guiné, o qual foi publicado no Brasil pela Editora Versus.

Antes ainda de ir para a Guiné, vivi uns tempos em Portugal e viajei muito pela América Latina, como jornalista, fazendo reportagens para a imprensa alternativa e recolhendo histórias.

Vim para Moçambique convidado pelo Ruy Guerra, cineasta brasileiro-moçambicano, que na época estava apoiando a criação do Instituto Nacional de Cinema, em Moçambique. Fui convidado para escrever histórias sobre a guerra de independência (semelhantes às que escrevi sobre a Guiné-Bissau), para serem usadas em roteiros para os filmes de ficção que na época se pretendia fazer. Passei os primeiros três meses no extremo norte do país, nas antigas zonas libertadas, conversando com guerrilheiros e camponeses. Fruto desse trabalho foi o livro *Relatos do Povo Armado*, publicado em Moçambique em 1980, em dois volumes, com tiragens de cerca de 30 mil exemplares cada volume. Os textos serviram de base para o roteiro do primeiro filme moçambicano de ficção, *O Tempo dos*



Leopards, uma co-produção entre Moçambique e a Iugoslávia. Nos primeiros anos, a minha relação com o cinema foi apenas por meio da escrita, o que me interessava era escrever. Fiz dezenas de textos para documentários, acompanhei várias filmagens, as experiências que Godard fez aqui, no fim dos anos 70, os trabalhos do Ruy Guerra, mas não me interessava fazer filmes. No entanto, aprendi bastante.

Depois da experiência no INC, fui trabalhar no Instituto de Comunicação Social, entidade governamental moçambicana voltada para a comunicação multimídia para as áreas rurais. Precisavam que alguém criasse um núcleo de produção de vídeo, para formar pessoas e fazer vídeos, e convidaram-me. Achei o desafio interessante, formei uma equipe e comecei a dirigir, pois tínhamos o compromisso de fazer um documentário educativo por semana para a TV moçambicana. Então envolvi-me com experiências de linguagem. Por exemplo, fazer

filmes mudos para abranger um público mais amplo, num país que fala mais de 30 línguas... O programa semanal, *Canal Zero*, ganhou vários prêmios internacionais, e acabei sendo “capturado” pelo cinema. Surgiu a possibilidade de fazer algumas produções internacionais e sai do Instituto de Comunicação Social para ter mais liberdade de trabalho.

Histórias africanas

Fazer cinema na África, para mim, significa viver num mundo nebuloso onde a ficção se confunde com a realidade e vice-versa, onde uma morte causada à distância por um feiticeiro é tão real quanto a AIDS; onde ser dono de um crocodilo que vive no rio e obedece a nossas ordens é tão real quanto ser dono de uma bicicleta.

A tradição oral na África de contar histórias (reais ou imaginárias?) é muito forte: todos gostam de falar e contar coisas, e eu gosto de ouvir. Mas quando se fala do cinema africano, em geral fala-se do cinema mais conhecido, o dos países francófonos, que, no meu entender, está demasiado preso à literatura oral.

O cinema africano pode ser dividido em três grandes correntes culturais: a dos países árabes, do norte da África, a dos países africanos (negros) francófonos, e a dos países da África Austral, de língua inglesa, entre os quais Moçambique se encontra. Como parte dessa diferença, na África Austral existe uma grande produção de documentários, quase inexistente na África francófona.

A ousadia que falta na produção africana hegemônica sobra na obra do cineasta africano que mais admiro, meu amigo, recentemente falecido (louco, visionário, ator, poeta), Djibril Diop, mil anos-luz à frente do bem-comportado cinema africano francófono.

Nos meus documentários, tento usar essa ousadia de uma forma dosada, contando histórias, mas trabalhando bastante na estrutura. Como documentarista, é com o trabalho de Jory Ivens que mais me identifico. Ivens é um contador de histórias, no sentido em que gosto de contá-las. Gosto de fazer uma obra que seja ao mesmo tempo de fácil e de difícil leitura. Ou seja, que possam ser feitas várias leituras diferentes sobre ela, que o camponês que fala a língua na qual os protagonistas se expressam faça uma leitura, que o público urbano moçambicano tenha outras alternati-

vas de leitura, assim como os intelectuais e o público de outros países, com outras culturas.

Não optei pelo documentário em detrimento da ficção. Faço uma mistura das duas coisas. Meu último livro, *O Comboio de Sal e Açúcar*, publicado no ano passado pela editora dirigida pelo pai do Mia Couto (romancista moçambicano que, de certa maneira, se inspira nas mesmas coisas que eu), foi classificado como uma novela. No entanto, o ponto de partida foi a idéia para um documentário que eu queria fazer durante a guerra, mas para o qual não consegui financiamento, pois ninguém quis investir numa equipe de filmagem que iria ficar três meses no meio da guerra, sem garantia de sobreviver. Nos meus documentários, quando é possível, sempre utilizo elementos de ficção. Tenho projetos de ficção para cinema, mas confesso que a realidade tem um peso extraordinário nesses projetos. E, quando falo da realidade, refiro-me à realidade que vivo no dia-a-dia, a de curandeiros que matam à distância, a de crocodilos enviados para assassinar alguém.

O lugar no mundo

Considero-me um latino-africano: a latinidade é um sonho guevarista; a africanidade, uma impossibilidade relacionada com a minha cor da pele (*Cada Homem é uma Raça*, título de um livro de Mia Couto, representa, no meu entender, uma espécie de *habeas-corporis* preventivo). Assim como a França é Rimbaud e Paris, Portugal é Fernando Pessoa e Lisboa – uma cidade linda, com uma gente simpática e amiga. Em resumo, depois de mais de vinte anos fora do Brasil, considero-me perto apenas dos poucos centímetros quadrados de terra que piso a cada momento.

Penso que, independente do fim da guerra fria, e de outras frias em que o mundo se mete, a relação de gente que vive no Brasil com a África e Moçambique sempre dependerá de inspiração individual, da necessidade individual de negar as pseudo-culturas que são impostas via satélite, e pôr os pés no chão, ter vontade (e prazer) de conhecer coisas que não são melhores nem piores por não terem espaço na TV Globo, são apenas diferentes e, talvez, muito mais humanas ou, talvez, carentes de humanidade.

Para concluir de um modo bem simples: fazer cinema na África é tão gratificante quanto viver, cada um na sua, onde está, tentando dar o melhor de si, pra não morrer de graça.